

## MULHERES, NEGRAS, CAROLINAS: AFETO, TEORIA E POLÍTICA SOBRE A ATUAÇÃO DAS CATADORAS DE RESÍDUOS SÓLIDOS RECICLÁVEIS DO MOURA BRASIL

Paulo José Rodrigues Monteiro<sup>1</sup>  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vera Regina Rodrigues Da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir de um diálogo entre Carolina Maria de Jesus, por meio de sua obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e mulheres negras catadoras de resíduos sólidos recicláveis integrantes da Associação de catadores/as do Bairro Moura Brasil, em Fortaleza - Ceará, este estudo se propõe a apresentar uma perspectiva Afetiva, Teórica e Política sobre a participação social das mulheres catadoras na luta por direitos em meio às contradições que vivenciam enquanto trabalhadoras que atuam para a manutenção de uma cidade habitável e sustentável sendo moradoras de ambientes muitas vezes precários e desassistidos de políticas públicas. Além da escritora e compositora, dentre outras habilidades, Carolina Maria de Jesus e das mulheres catadoras, entrelaçam nosso referencial teórico aportes de outras/os intelectuais negras/os como a Arquiteta e Urbanista Joice Berth e o Engenheiro ambiental e Cientista político Malcom Ferdinand apresentando suas contribuições acerca da construção dos espaços urbanos e o direito à cidade, articulação entre gênero e raça em nossa sociedade e a abordagem interseccional entre ecologia e o pensamento decolonial antirracista confrontando a realidade vivida.

**Palavras-chave:** catadoras; participação; direitos.

---

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB, REDENÇÃO - CEARÁ,  
Discente, paulojose.psicologia@hotmail.com<sup>1</sup>  
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB, REDENÇÃO - CEARÁ,  
Docente, vera.rodrigues@unilab.edu.br<sup>2</sup>



## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o debate envolvendo o tratamento e destinação adequada dos resíduos sólidos tem sido bastante frequente, sobretudo devido a crescente notoriedade que a temática do Desenvolvimento ambiental tem assumido em âmbito mundial a partir dos anos 1980. No estudo realizado em 2011 pelo IPEA, com base em dados de organizações públicas, organizações não governamentais e do próprio Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de materiais recicláveis (MNCR) chegou-se à estimativa que o número de pessoas que compõem essa categoria de trabalhadores/as varia entre 400 e 600 mil pessoas em todo o país, sendo que na região Nordeste estão aproximadamente 116.528 catadores/as. Desse total, cerca de 70% são mulheres.

Ao abordar a presença das mulheres no ambiente e nas lutas decorrentes do trabalho de catação, não podemos dissociá-las das diversas lutas enfrentadas por elas cotidianamente buscando reconhecimento, equidade, oportunidades, dignidade. No entanto, mesmo reconhecendo que todas as mulheres são de alguma forma afetadas, esse trabalho se propõe a trazer para o centro da discussão as vivências das mulheres negras, pois citando somente o aspecto salarial, “mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos.” (RIBEIRO, 2020, p.39). Esse aspecto deixa estampado o quanto é mais profunda a desigualdade que assola a essas mulheres.

Para além dessas dimensões desafiantes, este trabalho se propõe a refletir sobre a participação social das mulheres negras integrantes da associação de catadoras/es de resíduos sólidos recicláveis do bairro Moura Brasil, em Fortaleza, Ceará e suas atuações nos espaços e lutas por direitos, sobretudo o direito à cidade tendo em vista que são trabalhadoras que contribuem diretamente para a construção de ambientes sustentáveis, mas que usufruem de locais muitas vezes insalubres, pouca estrutura e insuficientes políticas públicas que atendam às suas necessidades mais básicas.

Acredito que trazer para o campo acadêmico o cotidiano das mulheres negras catadoras para além de aprofundarmos sobre suas vivências e concepções sobre seu lugar no mundo é uma tarefa fundamental para que possamos fazer ecoar as vozes dessas mulheres que muitas vezes são confundidas com os resíduos que trabalham. São tratadas como materiais descartáveis. É um dever histórico trazer seus gritos, anseios, desejos e saídas baseadas nas experiências delas.

A discriminação, os preconceitos e todas as possíveis mazelas às quais as mulheres negras catadoras sofrem estão relatados de forma escancarada por Carolina Maria de Jesus em seu livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada. Através de cada palavra é possível se confrontar com as duras realidades vivenciadas ainda hoje. Em um dos trechos a autora relata: “era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa (...) depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão.” (JESUS, 2020, p. 15). Embora os relatos sejam da década de 1950, para muitas mulheres o cenário atual não é diferente.

A breve e pontual explanação de Espedita de Jesus pontua que praticamente não existe relação da comunidade com o empreendimento privado Marina Park hotel. As festas luxuosas e inúmeras personalidades famosas que transitam pelo local nada têm a ver com a comunidade, que a Avenida/Muro cumpre também essa função de colocar cada um/a em seu lugar. Uma boa ação que também permeia a benevolência como único movimento de aproximação. Onde antes eram casas à beira-mar que foram demolidas e isoladas no morro para a construção da via, hoje abriga um dos maiores hotéis de Fortaleza, que

por incrível que possa parecer, tem um formato de embarcação. Nada mais simbólico quando falamos de habitar colonial, reprodução da lógica de segregação, altericídio praticada contra uma comunidade habitada em sua grande maioria por pessoas negras.

Carolina nos convida a olhar para além do que é visto, perceber para além do que é dito, muitas vezes é escrito, desenhado, pintado, dançado, moldado vivido, reexistido. A exemplo dela, quantas mulheres negras estão esquecidas nos “Quarto de despejo”?

Percebemos nesse caso que os marcadores de raça/cor e gênero, apontam para uma relação quase que direta com as condições de pobreza e invisibilidade a que estão submetidas essas mulheres. Sueli Carneiro problematiza sobre as disparidades colocadas pelo discurso clássico sobre opressão da mulher que não leva em consideração as experiências diferenciadas, mais violentas às quais são submetidas as mulheres negras. Esse fato colabora para que essa perspectiva generalista ou de invisibilidade conferida às mulheres negras não dê conta “da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.” (CARNEIRO, 2003, p.49).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se deu a partir de um diálogo Afetivo, Teórico e Político entre Carolina Maria de Jesus, por meio do seu livro "Quarto de Despejo: diário de um favelada" e mulheres negras catadoras de resíduos sólidos recicláveis do bairro Moura Brasil. A proposta metodológica se amparou no estudo etnográfico se utilizando de ferramentas que possibilitaram a construção da pesquisa, como entrevistas semiestruturadas, observação participante, rodas de conversa, utilização de dispositivos para registro dos momentos em audiovisual, como fotografias e gravações do conteúdo partilhado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os diálogos e problematizações feitas no decorrer do trabalho nos apontam uma série de elementos que permitem estabelecer aproximações sobre diversos aspectos de suas vidas, seja no âmbito pessoal, profissional, social, político etc. Mais que conclusões, são possibilidades de perceber o universo das mulheres catadoras para além da lida com os resíduos sólidos, mas estes como meios de sobrevivência, de conexão e/ou distanciamento das mesmas com outras dimensões do viver. Para tanto, estão pontuadas a seguir, algumas evidências resultantes desse processo de pesquisa:

- Pertencimento e defesa do território x Reconhecimento das precariedades e Violações;
- Espaços da Luta pelo direito à Cidade que não “enxergam” as(os) catadoras(es);
- Convergências e Divergências de impressões entre Fundadoras e Continuadoras referente ao Trabalho, Atuação política e Equipamentos;
- Distanciamento entre “os(as) debaixo e os(as) de cima do morro” (presença de estereótipos / diferenciação no acesso aos serviços públicos e/ou privados / Visão da cidade);
- Histórias de mulheres que desde o nascimento resistem e buscam melhorias pessoais e coletivas;
- Reconhecimento da importância e dignidade de seu trabalho/contradição entre reconhecimento e invisibilidade;
- Para além da catação, mulheres que possuem sonhos, desejos, habilidades, histórias de Vida;

- Associação de catadores (as) como espaço de formação, fortalecimento de vínculos e da identidade catadora;
- Mulheres catadoras como atuantes e críticas da realidade que vivem;

## CONCLUSÕES

Ao concluir este trabalho preliminar, considero imprescindível reforçar que a construção do mesmo se deu em grande parte a partir das reflexões, aprofundamentos e provocações trazidas nos relatos das mulheres catadoras, percebendo-as como trabalhadoras, moradoras, críticas e atuantes para a transformação da realidade em que vivem. As contradições apontadas em seus discursos nos aproximam do que nos coloca a arquiteta e urbanista Joice Berth quando diz que:

A cidade, nosso ambiente físico de convivência coletiva, não só recebe e absorve discursos, mas também reproduz e espelha - na concepção e divisão dos espaços, em seu desenho e em seu funcionamento - estruturas sociais e decisões, que são também omissões históricas. Assim, é fundamental compreender a cidade também como espaço de consolidação de convicções, ideias, práticas e, ainda, de articulação das tecnologias de opressões usadas e aprimoradas no decorrer do tempo. (BERTH, 2023, p.20)

Também é necessário valorizar e explicitar a importância da atuação feminina na gestão do empreendimento, articulando as demandas internas e externas à associação, coordenando ações de incidência política, parcerias institucionais, mobilização dos/as integrantes à associação, diálogo com outras instâncias públicas e privadas, como outras forças vivas na comunidade. Ainda assim, não podemos e nem devemos esquecer que esse trabalho se torna ainda mais desafiante quando percebemos as inúmeras atribuições que culturalmente foram empurradas unicamente às mulheres, como o cuidado do lar, da família etc. Sabemos que algumas coisas estão mudando, mas infelizmente esse cenário ainda é de forma geral o retrato da maioria dos lares brasileiros.

A dimensão do trabalho coletivo também é muito presente no dia a dia das mulheres catadoras do Moura Brasil, que entendem a associação como um espaço de crescimento, socialização, partilhas, aprendizados e formação tanto pessoal como coletiva, extrapolando os muros do empreendimento e atingindo outras famílias e espaços da comunidade, contribuindo à sua maneira para a melhoria da qualidade de vida na comunidade.

Sabendo que existem “Quartos de despejo” nos mais diferentes locais do nosso país, qual nosso compromisso Afetivo, Teórico e Político não só para problematizar ou escancarar essa triste marca que nos acompanha, mas sobretudo para juntos/as contribuirmos para a construção de cidades, espaços urbanos e/ou rurais plenos de condições de habitação, trabalho digno e direitos garantidos para todas as pessoas, e não só para as elites que se acomodaram nas “Salas de Visitas”?

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que vieram antes de mim, aos meus familiares, à minha orientadora, Professora Vera Rodrigues, a Carolina Maria de Jesus e às catadoras da Associação Moura Brasil por me inspirar, fortalecer e me apoiar nesse caminho.

## REFERÊNCIAS

BERTH, Joice. Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Racismos contemporâneos, Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos. Brasília: Ipea, 2011.

FERDINAND, Malcom. Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FORTALEZA 2040. Arquivos para download - Centro, Moura Brasil e Praia de Iracema. Disponível em: <https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/forunsteritoriais/forum/01#imagens/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Panorama - População de Fortaleza. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 5 jan. 2024.

JESUS, Carolina. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2020. 200 p.

KILOMBA, Grada. Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. Münster: Unrast Verlag, 2010. Disponível em: [https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada\\_2010\\_plantationmemories.pdf](https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantationmemories.pdf). Acesso em 26 abr. 2024.

MNCR - MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES (AS) DE MATERIAL RECICLÁVEL. Carta de Caxias do Sul, 2003. Disponível em: . Acesso em: 18 abr. 2024.

MULHERES SÃO MAIORIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. 2014. Disponível em: . Acesso em: 24 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. 1. ed. Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2020. 112 p.

SOARES, S. S. D. O perfil da discriminação no mercado de trabalho - Homens negros, mulheres brancas, mulheres negras. Brasília: Ipea, 2000. p. 25. (Textos para Discussão, n. 769).